

**REMEMORAÇÃO E NARRATIVIDADE: OS CONTOS
E ENCANTOS DA COMUNIDADE TRADICIONAL
PESQUEIRA DE ARRAIAL DO CABO**

Manuela Chagas Manhães (CEADCNEC)
manuelacmanhaes@hotmail.com
Giovane do Nascimento (UENF)
giovanedoanscimento@gmail.com

RESUMO

É sabido que nas comunidades tradicionais encontramos um uma relação recíproca entre os membros. Diante desse fato, tais comunidades seriam mais propícias a constituírem a memória social e coletiva e, assim, o sentimento que garante a sua organização social ainda que sofram modificações. Isso é possível por existir a “escuta compartilhada”, na qual há a focalização de elementos comuns, assim como acontecimentos, fatos, que demonstram a relação entre as lembranças e suas representações do passado e sua rememoração. Desse modo, Jöel Candau (2016, p. 470) afirma que: “uma memória verdadeiramente compartilhada se constrói e reforça deliberadamente por triagens, acréscimos e eliminações feitas sobre as heranças”. Especificamente, no que se refere as comunidades tradicionais pesqueiras de Arraial do Cabo, Simone Moutinho Prado (2002, p. 127) afirma que a palavra tradicional na comunidade de pesca cabista assume o significado de pertencimento a uma identidade que se orgulha do seu passado histórico. Desse modo, é muito comum, no dia a dia, encontrar entre os membros dessa comunidade a constituição de uma memória que traz o orgulho de sua historicidade e suas belezas naturais e dos saberes acumulados no ofício da pesca, assim como suas lembranças, como pode ser demonstrado na análise do conto “Shangri-lá”. Assim sendo, nas suas narrativas, encontramos presentes a memória hábito e memória lembrança articulando o seu modo de vida. Para esses sujeitos sociais, saber nomes, apelidos, saberes e transmitir suas histórias, seus mitos, lendas, valores, tradições seria conjugar o sentido de ser cabista com denominadores comuns recheados de elementos culturais.

Palavras chave: Conto. Memórias coletivas. Memórias sociais.

ABSTRACT

It is well known that in traditional communities we find a reciprocal relationship between members. Given this fact, such communities would be more conducive to constituting the social and collective memory and, thus, the feeling that guarantees their social organization even if they undergo modifications. This is possible because there is the “shared listening”, in which there is the focus of common elements, as well as events, facts, which demonstrate the relationship between memories and their representations of the past and their recollection. Thus, Jöel Candau (2016, p. 470) states that: “a truly shared memory is deliberately constructed and reinforced by triages, additions and deletions made on inheritance”. Specifically, with regard to the traditional fishing communities of Arraial do Cabo, Simone Moutinho Prado (2002, p. 127) states that the traditional word in the cabista fishing community assumes the

meaning of belonging to an identity that prides itself on its historical past. Thus, it is very common, in everyday life, to find among the members of this community the constitution of a memory that brings the pride of its historicity and its natural beauty and knowledge accumulated in the fishing craft, as well as their memories, as can be demonstrated in the analysis of the Shangri-la tale. Thus, in their narratives, we find present the habit memory and memory memory articulating their way of life. For these social subjects, to know names, nicknames, knowledge and to transmit their stories, their myths, legends, values, traditions would be to combine the sense of being cabista with common denominators filled with cultural elements.

Keywords: Tales. Collective memories. Social memories.

1. Introdução

Segundo Elizabeth dos Santos Braga (2000, p. 73), o processo de conhecimento, no qual há a formação do indivíduo como membro de uma comunidade, se realiza nas interações sujeito/sujeito/objeto. Assim sendo, tem-se a compreensão de que há a constituição do sujeito cabista (quem nasce em Arraial do Cabo) com seus conhecimentos, formas de atuação e ações sociais. Essa pode ser entendida a partir da sua relação com os outros num espaço que é preenchido pela intersubjetividade e a formação da consciência social intermediada pela cultura como contexto, definida pela historicidade, narrativas e aculturação. Por isso, a base é a relação entre o “eu” e o “outro” na qual, em nosso caso específico, há a apreensão de conhecimentos sobre a pesca, sobre seus ritos e valores, lembranças e memórias. Nessa relação, os elementos estruturantes tiveram a manutenção e a modificação ao longo da historicidade da comunidade cabista por meio das interações sociais vivenciadas.

Isso significa dizer que o princípio da formação moral, da consciência moral, dos valores estéticos, éticos, religiosos, entre outros são encontrados no meio sociocultural ao qual os sujeitos sociais pertencem e passam a se reconhecer e compartilhar esse acervo de conhecimentos, lembranças e valores. Da mesma forma os ritos, mitos, tradições que os membros compartilham são elos integradores entre eles. Podemos considerar, então, que a formação da comunidade cabista é uma consequência do meio em que vive e da vida que experimenta e, conseqüentemente, das possíveis nuances e transformações que estarão presentes na dinâmica social.

Há uma apropriação cultural pelo sujeito do que é manifestado na interação e na memória social e coletiva De acordo com João Carlos Tedesco (2004, p. 56), estas modificações demonstram a relação entre me-

mória e Modernidade. Esse truncamento acontece devido o caráter dinâmico, plural e tensionado. Contudo, tanto a memória quanto à Modernidade têm raízes sociais e culturais comuns. Elas têm suas origens no mundo em transformação. Por isso, a memória social e coletiva na Modernidade não aparece apenas como um depósito de lembranças, mas sim, com uma pluralidade de funções. Há uma rede de atividades de seleção, que filtra seus símbolos, seus saberes, sua divisão social do trabalho, suas tradições para que haja uma reestruturação. Essa, por sua vez, corresponde às necessidades, demandas do presente, diante das novas condições sociais.

Assim, se evidencia alguns dos elementos significantes dessa comunidade possibilitando a compreensão do porque da memória social e coletiva ser mediada nas pequenas coisas, nas motivações e, assim, ações sociais nas formas de pensar e nos valores que são apreendidos por meio da convivência social. Sabemos que são narrativas e histórias contadas e lembradas que também compõem a memória social e coletiva. Do mesmo modo, é perceptível a relevância do processo de socialização composto por diversos elementos estruturantes significantes implementados, vivenciados na vida cotidiana nas interações sociais. Essas ganham sempre novos sentidos e interpretações, e, envolvem os membros da comunidade. Da mesma forma, a memória social e coletiva corresponde a uma forma de conhecimento e é uma verdadeira colcha de retalhos que é reconstruída por meio da historicidade e das necessidades da própria comunidade. Logo, mantê-la viva é também uma maneira de dar continuidade a existência da comunidade e de seu modo de vida. A memória social e coletiva torna-se elemento chave para que identifiquemos a historicidade da comunidade, ainda que seja em novos contextos sociais e culturais, na relação dos atores sociais envolvidos.

O processo de construção ou de produção opera uma dimensão em que, partindo do real, do acontecido, a memória – como elemento permanente vivido –, atende a um processo de mudança ou de conservação. A reação resultante do impacto da realidade sobre o indivíduo ou o grupo constituirá a marca que o caracteriza. Dessa maneira, a memória tem como característica fundante o processo reativo que a realidade provoca no sujeito. Ela se forma e opera a partir da reação, dos efeitos, do impacto sobre o grupo ou o indivíduo, formando todo um imaginário que se constituiem uma referência permanente no futuro. (MONTENEGRO, 2013, p. 19-20)

Portanto, segundo João Carlos Tedesco (2004, p. 77-8) a ancestralidade e a historicidade de um grupo, comunidade são baseadas na reconstrução da memória coletiva. Dessa forma, o que representa essa comunidade é composto por simbologia; possibilita a ideia de continuidade,

de significação atemporal. Isso é possível devido à relação objeto e sujeito no meio social, no qual o espaço, o local, permite que a memória, de maneira geral, seja funcional para a comunidade. Desse modo, a memória social e coletiva fornece maneiras de constituir recordações nas atividades, nas relações por meio das mais diversas narrativas que, ao serem lembradas, estarão presentes no imaginário coletivo, tendo um enorme valor simbólico.

Há objetos que assumem no imaginário coletivo um enorme valor simbólico [...] a prática social e cultural reenvia a capacidade da memória exteriorizar-se e objetivar-se, isto é, de tomar forma e sedimentar as representações sociais de um certo passado em determinados objetos, símbolos, artefatos culturais e comunitários. Os objetos da memória objetiva e subjetivamente, depende do contexto, dos grupos e significados em questão, possuem um poder evocativo, ao mesmo tempo em relação de reciprocidade. (TEDESCO, 2004, p. 80-1)

A própria formação de pescadores a qual ainda traz as tradições e os conhecimentos, saberes adquiridos pela oralidade é vivenciada na relação com a natureza e entre eles enquanto pescadores ou sujeitos envolvidos com a pesca artesanal. Isso permite a formação da consciência de si mesmo e (re) constituição da sua representatividade social.

Logo, o processo de socialização é realizado por meio da herança cultural, o que, por sua vez, permitiu e ainda permite que valores sejam rememorados e recontados nas suas narrativas intermediando as interações cotidianas. Essas ainda hoje são peças de um grande quebra-cabeça entre passado e presente e existência (sobrevivência) no futuro. É nesse aspecto que percebemos a importância da intersubjetividade na relação entre os sujeitos sociais. Essa intersubjetividade tem como alicerce um quadro de referências que ainda é desenhado pela memória social e coletiva. Por isso, a memória social e coletiva percorre o processo de socialização e/ou endoculturação e introspecção. Desse modo, poderão existir novas significações e representações preenchendo lacunas, as quais favorecerão a existência de novos sentidos e a constituição da consciência dos envolvidos por meio do contexto vivenciado pela comunidade na atualidade.

2. *Relação dialógica e interação social nas comunidades tradicionais pesqueiras de Arraial do Cabo*

Segundo Peter Berger e Thomas Luckmann (1985, p. 62), O processo de socialização acontece porque há um acervo social de conhecimen-

tos. Tal acervo inclui um conhecimento sobre a realidade social, assim como conhecer os limites que existem. Dessa forma, quando o indivíduo participa da vida cotidiana, ele está participando desse acervo de conhecimento, que permite a sua “localização” no grupo, na comunidade, além de permitir que ele exerça sua função social de maneira apropriada. Isso se deve a um acúmulo de conhecimentos que são, primeiramente, selecionados e significados, para que sejam rememorados, narrados, repassados de uma geração para outra. Da mesma forma acontece com os códigos morais e estéticos e a formação da consciência de si mesmo para a vida comunitária.

Vivo no mundo do senso comum da vida cotidiana equipado com corpos específicos de conhecimento. Mais ainda, sei que outros partilham, ao menos em parte, desse conhecimento, e eles sabem que eu sei disso. Minha interação com os outros na vida cotidiana é por conseguinte constantemente afetada por nossa participação comum no acervo social disponível de conhecimento. (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 62)

A partir dos pressupostos de Peter Berger e Thomas Luckmann (1985), entendemos que essa comunidade de pesca artesanal traz em seu interior um acervo de conhecimento, que ao longo de sua história também passou por um processo seletivo e significador. Hoje, não seria diferente. Essa comunidade encontra-se no meio social sendo desafiada a todo instante. É colocada à prova diante de novos enfrentamentos. Há uma redefinição do seu acervo de conhecimentos e suas estruturas significantes. Nesse sentido, é factual que essa comunidade, para sobreviver ao tempo, reinvente suas tradições, seus elementos culturais. Porém, nessa reinvenção há a persistência de seu orgulho sobre sua própria formação, sobre sua memória social e coletiva. A forma pela qual essa memória social e coletiva é vivenciada no cotidiano possibilita a existência de estruturas significantes fundamentais para o reconhecimento comunitário ainda que haja as limitações como já foi demonstrado. O fato é que, embora muitas vezes os conflitos internos existam, quando se trata de ser cabista, há o sentimento de pertencimento entre os membros dessa comunidade respaldados por tais estruturas significantes presentes na memória social e coletiva em torno do que a pesca artesanal representou no passado e ainda representa. E ainda, segundo a rememoração, é perceptível nas gerações mais velhas um grande lamento nas suas narrativas, como veremos no conto “Shangri-lá”, por ser um evento traumático, presente no cotidiano dos cabistas.

O fato é que pela relação dialógica e interação social o processo de socialização é praticado, tanto o primário quanto o secundário. A so-

cialização forma o indivíduo a partir das sedimentações coletivas construídas historicamente e passadas de geração em geração. Conforme Ecléa Bosi (1994, p. 49), a socialização é um exercício que retoma determinados elementos, símbolos, gestos e palavras que os retoma até a fixação transformando-os em hábitos, em ações que estão dispostas no cotidiano, além de possibilidades de rememorar fatos, histórias e lembranças.

Dessa maneira, haveria a memória-hábito. Nas palavras de Ecléa Bosi (1995, p. 49): “A memória-hábito faz parte de todo o nosso adiestramento cultural”. Entretanto, num outro extremo, haveria a memória pura formada pelas lembranças que compõem a ligação entre passado e presente. A partir dessa ligação haveria, então, “as ressurreições do passado” que se atualizam por meio da “imagem-lembrança”. Esta, por sua vez, “traz à tona a consciência um momento único, singular, não repetido, irreversível, da vida. Daí, também, o caráter, não mecânico, mas evocativo do seu aparecimento por via da memória” (p. 49). Neste aspecto haveria a distinção da própria vida, uma vida dita como contemplativa e a outra, a vida ativa.

A imagem-lembrança tem data certa: refere-se a uma situação definida, individualizada, ao passo que a memória-hábito já se incorporou às práticas do dia a dia. A memória-hábito parece fazer um só todo com a percepção do presente. A tipologia, vem, aliás, de longe: *vita contemplativa e vita activa*. (BOSI, 1995, p. 49)

A socialização é um processo compreendido a partir dos quadros sociais preexistentes no meio social (aquelas sedimentações coletivas) e a existência das memórias. Estas memórias são perceptíveis nas interações da vida cotidiana e ganham novos contornos, sentidos, significações. Ecléa Bosi (1995), por conseguinte, retoma um dos clássicos da sociologia, Émile Durkheim, ao afirmar que o eixo das investigações sobre “*psique*” e o “*espírito*” provoca um deslocamento essencial para o sentido das funções que são representadas pelas ideias dos seres humanos ao exercerem suas representações no interior do grupo por meio das relações sociais. Desse modo, haverá o predomínio do social sobre o individual³⁸ devido à alteração substancial dos fenômenos psicológicos como a percepção, a consciência e a memória. Isso se deve à formação daqueles

³⁸ Tal fato pode ser considerado como base da teoria durkheimiana como definição do que são os fatos sociais. Neste aspecto Durkheim (1995) afirma que “os fatos sociais consistem em modos de agir, pensar e sentir, exteriores ao indivíduo e dotados de um poder coercitivo pelo qual lhe impõem” (DURKHEIM, 1995, p.20).

quadros sociais e culturais que são condicionantes da socialização, tornando os atores sociais membros de um grupo, de uma comunidade específica e numa perspectiva macrosocial de uma sociedade. Segundo Peter Berger e Thomas Luckmann (1985):

[...] o indivíduo não nasce membro de uma sociedade. Nasce com a predisposição para a sociabilidade e torna-se membro da sociedade. Por conseguinte, na vida de cada indivíduo existe uma sequência temporal no curso da qual é induzido a tomar parte na dialética da sociedade. O ponto inicial deste processo é a interiorização, a saber a apreensão ou interpretação imediata de um acontecimento objetivo como dotado de sentido, isto é, como manifestação de processos subjetivos de outrem, que desta maneira torna-se subjetivamente significativo para mim [...] Sem dúvida, este assumir em si mesmo constitui em certo sentido um processo original para cada organismo humano e o mundo, uma vez assumido pode ser modificado de maneira criadora ou (menos provavelmente) até recriado. Em qualquer caso, na forma complexa de interiorização, não somente compreendo os processos subjetivos momentâneos do outro, mas compreendo o mundo em que vive e esse mundo torna-se meu próprio. (LUCKMANN, 1985, p. 173)

Nesse contexto, Ecléa Bosi (1994) afirma que a memória é uma construção social e, como tal, tem uma importância fundamental para os envolvidos daquele meio social. É nesse ponto que a narrativa percorre a memória social e coletiva. Portanto, ela possibilita a definição de especificidades culturais formadoras de seus elementos culturais, bens culturais e, por que não, patrimônios culturais das distintas comunidades que transitam entre os envolvidos por meio da narrativa. Jöel Candau (2016, p. 31), então, ressalta a importância da memória social, ao afirmar que esta é composta por um conjunto de lembranças reconhecidas por um determinado grupo, em nosso caso, por uma determinada comunidade. Já a memória coletiva seria definida por lembranças comuns a um grupo, ou uma comunidade. Neste contexto, em nossa análise, compreendemos a relevância da junção do sentido de ambas, para que entendamos como tais imagens, lembranças e recortes, fatos e acontecimentos se tornam elementos significantes que integram os membros na vida social dessa comunidade tradicional.

Entretanto, evidenciamos que a memória não permanece inalterada, mas sim, ao longo da historicidade da comunidade na qual há vivências e experiências sociais compartilhadas. A memória social e coletiva pode, a todo momento, sofrer ressignificações e reinterpretações. Tais reinterpretações podem conter elementos da realidade social, mas também serão fictícias já que há um processo de reinterpretação que percorre o imaginário social individual e coletivo, possibilitando distintas conota-

ções as quais são dadas pelos indivíduos envolvidos. No entanto, os elementos estruturantes significativos permitem a existência da significação e, por isso, compõem as particularidades da comunidade, em nosso caso específico na comunidade pesqueira artesanal de Arraial do Cabo. Isso se deve ao fato de tais elementos culturais serem compartilhados pela narrativa na dinâmica social, permitindo a constituição de sua representatividade e ressignificação.

3. A narrativa da vila de pescadores de Arraial do Cabo: “seus contos e encantos”

Por escolher essa comunidade tradicional pesqueira, utilizaremos como fonte de análise o livro: “Arraial do Cabo seus contos e seus encantos”, organizado e documentado por Wilnes Martins Pereira. Tal livro foi o resultado de um trabalho etnográfico de coletar de informações de histórias orais organizadas pelo autor. Desse modo, esse livro realmente é uma fonte grandiosa de elementos estruturantes significativos na construção da memória social e coletiva e da identidade cultural da comunidade pesqueira artesanal de Arraial do Cabo. Por isso selecionamos o conto “Shangri-lá”.

Nesse processo seletivo buscamos a compreensão da conexão entre representações do contexto sociocultural e os elementos estruturantes significativos, as particularidades narradas entre os membros da comunidade e sua rememoração. É perceptível a importância da relação da territorialidade, ancestralidade, meio ambiente e o sentido de comunidade tradicional; o desenvolvimento da pesca artesanal e sua definição; e as vivências experimentadas no cotidiano com determinação de funções e saberes, além das histórias e evento dito como traumático vivenciado na vila de pescadores. Entendemos, então, que esse livro é uma fonte de informação sobre a comunidade tradicional pesqueira de Arraial do Cabo. Assim sendo, podemos compreender como o aprendizado informal construído historicamente demonstra a relação do conhecimento espontâneo na composição dos seus saberes, sabores, valores, lembranças, divisão de papéis sociais, saberes e conhecimentos espontâneos mediante a formação da comunidade cabista.

Nesse conto, percebemos a possibilidade de compreensão da própria experiência da realidade narrada por diferentes interlocutores, de maneira que fica evidenciada a diversidade sequencial da narrativa (REUTER, 2002). Segundo Yves Reuter (2002, p. 128-9), isso significa

dizer que na narratividade há componentes que são dissecados no texto quando há a escolha das palavras, desenvolvimento dos personagens, as ações descritas entre outros. No entanto, esses componentes podem ser formados sob uma forma sequencial, na qual está presente uma maneira de organização própria descritiva, argumentativa, explicativa. Em outras palavras, as histórias contadas podem alternar as sequências desenvolvidas. Nas palavras de Yves Reuter (2002):

Esses componentes podem permanecer disseminados no texto (na escolha das palavras, das personagens, das ações, dos subentendidos...). Mas também podem ser formalizados sob a forma de sequências, dotadas de uma organização própria, passíveis de serem isoladas como tais. Assim, uma narrativa pode alternar sequências narrativas (com sua organização em cinco etapas), sequências descritivas (que desdobram as propriedades e as partes de um personagem, um lugar ou um objeto) ou sequências explicativas (caracterizadas pela construção de uma resposta sob a forma de explicação de uma questão implícita ou explicitamente formulada). Podemos ainda alternar sequências argumentativas (passando de uma tese contestada para outra, por meio de argumentos refutações, concessões...), sequências injuntivas (articulando ações por fazer ou por mandar fazer) ou sequências dialogais (caracterizadas por um encadeamento de réplicas sob formas de afirmações ou de perguntas-respostas. (REUTER, 2002, p. 128-9)

Nesse sentido, ao compreendermos a importância da narrativa e seus diferentes formatos, há diferentes componentes que são fundamentais para seu desenvolvimento. No que se refere à relação dialógica entre os membros da comunidade encontramos diferentes sequências explicativas, argumentativas, dialogais e descritivas. Desse modo, há um grande acervo cultural que passeia em suas histórias recontando o seu modo de vida e, por isso, é um bem cultural, o que as torna, então, além de ficções por percorrer o imaginário social, uma fonte de elementos definidores do modo de vida, de vivências e memória social e coletiva, reafirmando os elementos materiais e imateriais, bens culturais, e a constituição do sentido do patrimônio cultural dessa comunidade e da sua identidade cultural.

Segundo Aryovaldo de Castro Azevedo Júnior (2012), as diversas linguagens colaboram para revestir o espírito dos que com ela se relacionam. Desse modo, ao compartilhar a linguagem por meio de distintas narrativas, as interlocuções constituem sentidos e significados possibilitando a continuidade de representações, apreensão de valores e, assim, de patrimônio. Tais valores se exteriorizam nas ações dos indivíduos, membros da comunidade, determinando o que o indivíduo pode ou não fazer. Por conseguinte, percebe-se a associação existente entre a ideia de patri-

mônio cultural e a própria concepção de cultura como algo inteligível. Isso se deve à apropriação daqueles sentidos objetivos e subjetivamente definidos no meio social em questão.

Por meio dessas narrativas, entendemos que a sua importância e suas perspectivas convergem com a nossa reflexão sobre a existência do reconhecimento social na dimensão comunitária e sua relação com a cultura como contexto. Em outras palavras, em tais narrativas há a cultura como contexto, particularizada pelas especificidades vivenciadas no processo de socialização, mantendo o sentido do que forma os cabistas. Isso significa dizer que as narrativas possibilitam a compreensão dos elementos significantes desta comunidade, que são compactuados e compartilhados entre seus membros por meio da interlocução. Portanto, a cultura, vista no contexto social no qual são vivenciados tais elementos significativos, pode permitir o fortalecimento do sentimento de pertencimento.

Por conseguinte, encontramos nos contos organizados por Wilnes Martins Pereira (2013), de maneira geral, tradições, costumes, crenças, saberes, costumes. Há uma edificação do tornar-se humano sobre diferentes prismas, que são fundamentais e que caracterizam a cultura como contexto da comunidade pesqueira artesanal de Arraial do Cabo. Podemos dizer que é um patrimônio imaterial que permite aos sujeitos sociais conhecerem e se reconhecerem. Assim, em tais contos que foram “remontados” por Wilnes Martins Pereira, há uma narrativa que provoca o imaginário e traz uma espécie de visão de mundo, de estar no mundo, ao qual os interlocutores dessa comunidade se sentem pertencentes. A narrativa permite a escuta compartilhada, de maneira objetiva e descritiva entrelaçadas às questões subjetivas, permeando o processo ficcional por estar presente no imaginário social e, ao mesmo tempo, trazendo elementos da realidade social. É uma escrita repleta de achados e perdidos que passem na memória social e coletiva.

4. Análise do conto “Shangri-lá”:

Segundo Walter Benjamin (1987, p. 210), o cronista é o narrador da história. Concordamos com o autor ao afirmar que o narrador mantém sua fidelidade à época, ao seu olhar sobre os fatos contados, reinventados, reinterpretados. Por isso, uma história recontada não será a mesma, passa pela intersubjetividade, influenciada pelos valores, pela socialização, pelo tempo que refugiam a formação do indivíduo. Mas, para que a narrativa mantenha-se viva, há uma relação ingênua entre o ouvinte e o

narrador, a qual é dominada pelo interesse de conservar o que foi narrado. “Para o ouvinte imparcial, o importante é assegurar a possibilidade de reprodução” (210).

O que isso significa? Segundo o autor (1987), o narrador tem suas raízes no povo, na sua comunidade, é um artesanato de palavras que tem a musa da reminiscência, inspirando a formação da memória. O narrador é capaz de provocar o sentido de vida e moral da história passada de geração a geração. Nas palavras de Walter Benjamin (1987, p. 214): “Em suma, independentemente do papel elementar que a narrativa desempenha no patrimônio da humanidade, são múltiplos os conceitos através dos quais seus frutos podem ser colhidos”.

Logo, nos questionamos como o narrador favorece para que haja representatividade e não-representatividade na narrativa. Isso acontece por existir um hibridismo nas histórias com a rememoração e as possíveis ressignificações. Assim, encontramos a ressignificação nas histórias cabistas, passadas de geração em geração. Estas são construídas por elementos significantes que compõem a própria vida social, principalmente, quando pensamos na historicidade dessa vila de pescadores que é retratada nas narrativas. Os fatos descritos são compartilhados, ganham um novo leque de sensações e emoções quando construídos e captados pelo narrador. Tais fatos, lendas e estórias estão voltados para a evocação de um referencial: elementos culturais da realidade social cabista.

A fim de demonstrar o que foi acima mencionado, aqui abordamos o conto: “Shangri-lá”. Este, por sua vez, é uma narrativa composta por características específicas da comunidade pesqueira cabista remontando uma base sequencial dialogal, argumentativa, explicativa e descritiva (REUTER, 2009). No conto, há elementos socioculturais e territoriais, além da questão dos saberes e da sua historicidade. Isso significa dizer que são perceptíveis às questões que envolvem a profissão do pescador e do desenvolvimento da sua percepção da pesca (descrição cultural: pormenores culturais). Do mesmo modo, o orgulho no que se refere aos encantos voltados para a natureza (descrição geográfica e territorial), ou seja, a exuberante beleza dessa região que tem o mar de águas azuis, claras; o conhecimento produzido pela observação do meio ambiente, como por exemplo, o vento que sinaliza o sinal de chuva ou de sol. Da mesma forma que a observação da maré e das correntezas forma saberes que direcionam a divisão de funções e são determinantes sobre local da pesca, pois demonstram por onde andam os cardumes. Nesse aspecto, Simone Moutinho Prado (2002) afirma que:

Assim, quando conjugada com a palavra cabista, a palavra tradicional assume o significado de pertencimento a uma identidade que se orgulha de seu passado histórico; de ser descendente de uma imigração que remonta ao descobrimento; de pioneiros que desde o século XVI chegaram à terra dos Tupinambás para se assenhorar e criar a primeira feitoria de pau-brasil, que acabou ficando, simplesmente, Brasil. Significa também sorrir vaidoso das belezas naturais de sua terra natal; saber contar naufrágios e casos de pirataria; conhecer os fantasmas da restinga por seus nomes; saber sobre as imagens das santas das igrejas e da organização de suas festas anuais; é saber fazer renda de bilros e identificar uma planta que pode ser tomada para libertar deste ou daquele mal físico; é ter comido pirão de peixe em panela de barro, cozido no fogão de lenha; é ter iluminado suas noites com lampião, em casinhas de pau-a-pique (...) é ter o sobrenome do próprio padrinho ou do padrinho do pai, é ser chamado no mínimo por um apelido e, ao rechaçar alguém, de preferência usar a via da acusação: “você tem o pé na Prainha”. Quando conjugada à palavra pescador, a palavra tradição já adquire outro significado, já não esboça nenhuma relação com a terra, mas apenas com o mar e com o ofício de quem vive de enfrentá-lo (...) ser pescador é exercer uma atividade tradicional à medida que foi a primeira profissão que os imigrantes tiveram, ou que puderam ter, por conta do isolamento em que viviam. Não há como se manter estática uma tradição, aliás, sabemos disso, quando abrimos mão do absurdo “um” pelo humano “múltiplo”, encontrado na diversidade cultural (...) a tradição muda, mesmo que seja imã da permanência, que neste caso representa o registrado, o transmitido, que se faz distinto entre os nativos mais velhos e os mais jovens. (PRADO, 2002, p. 127)

Nas entrelinhas há interpretações e ressignificações que provocam sensações e percepções nos envolvidos na sequência dialógica. Desse modo, a história é recontada, reinterpretada, reinventando a comunidade cabista. Nas narrativas, além da escuta compartilhada, desvelam-se os elementos da tradição misturados à realidade da vida social. Esta vem sendo preenchida por uma cultura referida às concepções da natureza, da pesca e suas funções, de um universo relacional, compondo um conjunto de práticas sociais dotadas de sentidos que são transmitidas pela linguagem. Hoje, a organização de suas histórias transmitidas pela história oral possibilitou a construção dos contos num livro.

Mas estes contos tomam forma na realidade social da comunidade cabista por envolver o cerne dessa comunidade: os pescadores e sua natureza relacional. Os pescadores, ou melhor, o exercício da pesca artesanal e o que os envolve (universos simbólicos, territorialidade, funções sociais e instrumentos) são base da identidade cultural e, por isso, alimentam a memória social e coletiva. Assim sendo, essa interlocução entre os membros da comunidade permite que tais elementos sejam descritos, narrados e, conseqüentemente, possam ser compartilhados favorecendo a auto-identificação do membro da comunidade, o que possibilita a constituição

do respeito e autorrespeito, por comungarem tais elementos. Ou seja, a narrativa é socializadora e, por isso, formadora e mantenedora da memória social e coletiva, além da memória lembrança e hábito.

Por mais que seja ressignificada, redefinida, a narrativa, ao trazer elementos estruturantes significativos, a percepção dos atores sociais como membros da comunidade. Em outras palavras, eles constituem a sua autoimagem e a imagem (MEAD *apud* HONEETH, 2009) dos demais membros havendo, então, o sentido de respeito e autorrespeito. Sendo assim, se percebem como pares e iguais na comunidade cabista provocando a definição dos bens primários no cotidiano e, assim, a possibilidade do princípio de justiça como equidade (RAWLS, 1997) entre os envolvidos na dimensão comunitária.

É desse modo que compreendemos a relação direta que existe entre tais contos narrados, história e lendas contadas e recontadas como um dos pilares fundamentais da socialização dos membros dessa comunidade. Tais histórias se transformaram em experiências de vida na comunidade. Isso possibilita à comunidade o reconhecimento social na dimensão comunitária, ultrapassando os conflitos, permitindo a construção de sua identidade cultural de resistência e de projetos.

É inegável que, por meio da existência de tais narrativas, haja sequências descritivas, argumentativas e explicativas. Desse modo, tais sequências da narrativa permitem a redescoberta dessa comunidade tradicional pesqueira. Isso se deve ao fato de as narrativas serem fontes de conhecimento que incorporam um sentido amplo dos aspectos culturais, territoriais e cotidianos. Compreendemos que tais narrativas demonstram particularidades culturais da pequena vila de pescadores artesanais de Arraial do Cabo. É perceptível que enquanto comunidades tradicionais, as especificidades encontradas em suas histórias representam o seu modo de vida, se diferenciando das outras comunidades tradicionais e grupos sociais.

Nesse conto intitulado “Shangri-lá”, existe um evento que é descrito através de pormenores, definidores da representação dos perigos que os pescadores sofreram ao descrever um evento traumático. Assim, para os membros daquela comunidade, a história narrada torna-se real, dissolvendo a fronteira entre o passado e presente sendo rememorada pelas diferentes gerações. Ao ser narrada há a “escuta compartilhada”. Isso significa que traz o sujeito, o ouvinte, o leitor para dentro do evento narrado, provocando suas emoções, interpretações e suas significações. Isso

é mais evidente quando tal evento, parte da memória social e coletiva vinculadora do grupo, da comunidade, incluindo, assim, a dimensão participativa no ato de narrar.

É nesse aspecto que entendemos a particularidade presente no conto “Shangri-lá”. Tal conto “narrado” por diferentes indivíduos tem sido uma das histórias contadas e recontadas entre as gerações. Foi mantendo-se viva pela oralidade articulada na relação direta entre os membros da comunidade cabista. Assim, em “Shangri-lá”, especificamente, encontramos quando remontada e escrita por Wilnes Martins Pereira (1983) elementos culturais materiais e imateriais, com uma grande riqueza de detalhes descritivos em torno do evento traumático.

Em tais histórias narradas, de maneira geral, além daqueles elementos significantes, há uma margem para diferentes simbologias que percorrem a socialização e provocam distintas conotações. Em “Shangri-lá”, por exemplo, há uma relação entre as lembranças doídas e sofrimentos causados à vila dos pescadores ao evento descrito como histórico. Esse conto é desenvolvido em torno de um evento traumático para a comunidade e, hoje, narrado como:

Uma das histórias mais tristes ocorridas em Arraial do Cabo foi, sem dúvida alguma, o bombardeio ao “Shangri-lá”. Muitas versões sobre o ocorrido foram citadas ao longo do tempo, segundo pesquisa realizada em arquivos oficiais, é esta, contada aqui em poucas linhas. (PEREIRA, 2013, p. 130)

Partindo dos pressupostos teóricos de Walter Benjamin (1983) entendemos que há uma relação entre narrador e sua matéria (a história) que seria a própria vida humana. Portanto, não é apenas uma relação artesanal de elementos trazidos da experiência, mas, também, de detalhes descritivos da realidade sociocultural e histórica (em nosso caso) e vividos por outros em outro tempo. Entretanto, tal evento traumático descrito nas interações sociais da comunidade pesqueira artesanal de Arraial do Cabo remonta ao presente, pelas emoções e percepções com a narrativa do que teria sido o bombardeio (evento traumático) ao barco pesqueiro denominado Shangri-lá:

SHANGRI-LÁ

Uma das histórias mais tristes ocorridas em Arraial do Cabo foi, sem dúvida alguma, o bombardeio ao Shangri-lá. Muitas versões sobre o ocorrido foram citadas ao longo do tempo, segundo pesquisa realizada em arquivos oficiais, é esta, contada aqui em poucas linhas.

O barco São Martinho, também denominado Shangri-lá, tripulado por

dez pescadores, deixou o porto de Arraial do Cabo em uma tarde de junho de 1943.

Navegando em direção leste-oeste, por fora do farol de Cabo, e São Martinho varria algumas milhas à procura de bons cardumes. Aquela tarde prenunciava excelente pescaria; teoria sábia dos mareantes da Praia dos Anjos devido à pigmentação da água e correntes fracas que corriam em direção sul. Existem coisas que só o céu e o mar podem explicar... E o homem do mar aprende certos mistérios por costumes, profissão e, também, é claro, com a mãe natureza.

O mundo estava em guerra e a Marinha do Brasil provia algumas embarcações com rádio transmissor e um livro ilustrado com bandeiras de todos os países; a ordem era para qualquer embarcação, navio ou avião de guerra estrangeiro, visto em águas ou espaços do territorial brasileiro, emitir, de imediato, mensagem para terra, em uma frequência que o aparelho dispunha.

Certa noite, por volta de vinte e uma horas, surgiu, como por encanto, um barco de guerra que os tripulantes do Shangri-lá não sabiam distinguir sua nacionalidade. Era um submarino alemão identificado com as iniciais U-199, considerado o maior e mais moderno navio de guerra da frota de Hitler – “informações contidas nos anais da segunda guerra, segundo relatos da Marinha”.

O barco de pesca semi-iluminado por um candeio era assediado pelo submarino que fazia várias manobras com um canhão de 105 mm de um mero exercício de tiro ao alvo para testar o poder bélico dessa poderosa arma.

O mestre do Shangri-lá, impelido pelo desespero, apagou a lanterna e deixou o pequeno barco escuro. O comandante alemão *Hans Kraus*, em poder das coordenadas de ataque, deu volta e meia e, contra o bombordo do pesqueiro, autorizou os disparos de sete tiros de canhão, destruindo, por completo, o indefeso barco de pesca.

Após os disparos, nenhum gemido humano foi ouvido naquele ponto do mar. A marejada, em murmúrio sepulcral, denunciava o repouso daqueles bravos pescadores em sua morada eterna.

As claras águas do mar, por razões maternais, não devolveram os corpos de seus filhos, porém, restos do pesqueiro boiaram e seguiram trajetórias diferentes; uma grande porção dos destroços rumou para o alto mar, e outra fração devolvida às praias de Arraial do Cabo. Recentemente, o que se tem conhecimento desse episódio, após setenta anos, foi o anúncio feito pela Marinha do Brasil cientificando tal fato e condecorou, através de uma placa no Monumento Nacional dos Mortos da II Guerra Mundial, os nomes dos dez pescadores tidos, também como *Heróis de Guerra*. (PEREIRA, 2013, p. 130-2)

O narrador, ao contar a história do barco pesqueiro São Martinho, se volta para o acontecimento vivido pela comunidade e que, embora não tivesse, no barco, deixa subentendido as consequências desse bombar-

deio, doando sentido, emoções e representações para aquela comunidade. Isso possibilita identificarmos, na narração de histórias como essa, a utilização da oralidade, numa perspectiva memorística. Isso se evidencia em detalhes como: “os destroços do pequeno barco retornaram às praias em Arraial do Cabo”. Portanto, os destroços possibilitaram que os membros da comunidade naquela época tivessem ciência do que tinha acontecido. Isso favoreceu uma relação entre as gerações no ato de “contar a história” de Shangri-lá. Isso ganha proporções enormes na comunidade por ser um evento traumático vivenciado por aquela comunidade na Segunda Guerra Mundial. Comunidade que vivia isolada geográfica e socialmente. Logo, a narrativa fomentará a constituição da memória social e coletiva por narrar tal “história”, mantendo-se viva com a ressignificação da memória social e coletiva.

As claras águas do mar, por razões maternas, não devolveram os corpos de seus filhos, porém, restos do pescueiro boiaram e seguiram trajetórias diferentes; uma grande porção dos destroços rumou para o alto mar, e outra fração devolvida as praias de Arraial do Cabo. (PEREIRA, 2013, p. 132)

Hoje, com a documentação e organização de tais histórias por Wilnes Martins Pereira (2013), podemos perceber o que o conto “Shangri-lá”, especificamente, provoca nessa comunidade. Por ser um evento traumático, faz face às recordações vivenciadas por outras gerações, e que sobreviveu ao tempo, por constituir parte da memória social e coletiva. Agora com o registro, não mais composto apenas pela oralidade, o evento narrado permite uma reinterpretação, ressignificação por meio das seqüências descritivas e explicativas. Há uma estreita ligação entre narrador e leitor, embora, seja um movimento solitário vivenciado pelo leitor, ao realizar uma introspecção sobre o evento traumático.

O mestre do Shangri-lá impelido pelo desespero, apagou a lanterna e deixou o pequeno barco escuro. O comandante alemão *Hans Kraus*, em poder das coordenadas de ataque, deu volta e meia e, contra o bombardeio do pescueiro, autorizou os disparos de sete tiros de canhão, destruindo, por completo, o indefeso barco de pesca. (PEREIRA, 2013, p. 130-1)

Nesse âmbito, ao analisarmos os contos confirmamos nossa hipótese de que a narrativa é socializadora para quem a compartilha no dia a dia. Além disso, consideramos a narrativa como um instrumento revelador de uma cultura, pois ela possibilita conhecer os elementos culturais, que se edificam como contexto e são vivenciados pelos membros da comunidade. Desse modo, o detalhamento dos saberes produzidos ao longo da historicidade dessa comunidade, desde sua formação até a atualidade,

permite que encontremos na constituição da herança cultural as tradições e os costumes. Há particularidades da identidade cultural da pequena vila de pescadores cabista. Por exemplo, evidenciamos a percepção desenvolvida pelo pescador dessa região sobre o meio ambiente havendo uma sequência explicativa de como forma o saber desse homem do mar: “E o homem do mar aprende certos mistérios por costumes, profissão e também, é claro, com a mãe natureza” (Shangri-lá).

Navegando em direção leste-oeste, por fora do farol de Cabo, e São Martinho varria algumas milhas a procura de bons cardumes. Aquela tarde prenunciava excelente pescaria; teoria sábia dos mareantes da Praia dos Anjos devido à pigmentação da água e correntes fracas que corriam em direção sul. Existem coisas que só o céu e o mar podem explicar... E o homem do mar aprende certos mistérios por costumes, profissão e também, é claro, com a mãe natureza. (PEREIRA, 2013, p. 130)

Por meio das narrativas há concepção do que é ser pescador e como tais saberes permitem práticas cotidianas. Ultrapassam o aspecto objetivo da pesca, ganhando um sentido subjetivo do que é ser pescador para essa comunidade de pesca artesanal constituindo a identidade cultural coletiva. Saber o que significam os ventos, as luas, as tonalidades de azuis de suas águas, as marés, da mesma forma, os tipos de pescado, representa um conhecimento vivenciado que forma um legado para as próximas gerações. Tal saber é perceptível na sequência descritiva no trecho: “Aquela tarde prenunciava excelente pescaria; teoria sábia dos mareantes da Praia dos Anjos devido à pigmentação da água e correntes fracas que corriam em direção sul.” (Shangri-lá). Por isso, a narratividade e a memória social e coletiva são tão relevantes para a sobrevivência do modo de vida da pesca artesanal nessa comunidade.

Dessa forma, a narrativa enquanto linguagem possibilita que as relações dialógicas sejam constantes na formação dos indivíduos que vivem na comunidade. Assim sendo, através da narrativa há a relação dialógica constante com a multidão de vozes, a qual também modela, coloreia e recheia a memória, construindo as subjetividades, nutrindo o mundo com um rico acervo de significações como, por exemplo, encontramos em “Shangri-lá”: “Após os disparos, nenhum gemido humano foi ouvido naquele ponto do mar. A marejada, em murmúrio sepulcral, denunciava o repouso daqueles bravos pescadores em sua morada eterna”. (PEREIRA, 2013, p. 130)

Nessa narrativa mantiveram-se vivas determinadas lembranças que remontam à memória lembrança, além da memória social e coletiva. Entretanto, o que existe são retalhos de histórias e, por isso, retalhos de

narrativas que descrevem os fatos que alimentam as subjetividades e memórias. Desse modo, em tais narrativas compreendemos pormenores que estruturam um modo de vida que tem elementos estruturantes significativos que permitem que seus membros se reconheçam entre si. Tal reconhecimento, só é possível devido às narrativas serem “recheadas” de significações que são dadas por aqueles que as compartilham. Na vila de pescadores cabista materializaram-se eventos como esse descrito em “Shangri-lá”, um evento traumático.

Recentemente, o que se tem conhecimento desse episódio, após setenta anos, foi o anúncio feito pela Marinha do Brasil cientificando tal fato e condecorou, através de uma placa no Monumento Nacional dos Mortos da II Guerra Mundial, os nomes dos dez pescadores tidos, também como *Heróis de Guerra*. (PEREIRA, 2013, p. 132)

Assim sendo, a narrativa provoca o imaginário e significações para quem o conhece e desemboca na realidade da comunidade cabista deixando a emoção, o suspense fluir. Do mesmo modo, suas recordações e lembranças são redefinidas na memória social e coletiva a qual, como já dissemos, constitui representações e subjetividades da historicidade cabista, entre elas, o bombardeio ao barco São Martinho na Segunda Grande Guerra Mundial.

5. Conclusão

Nossas análises percorrem uma interpretação dos fatos históricos e dos elementos estruturantes significativos levantados. Tais análises, por meio da antropologia social, permitem que entendamos as particularidades descritas nas narrativas dessa comunidade pesqueira artesanal e suas possíveis ressignificações presentes na memória social e coletiva. Tais significados e ressignificações são formados por um conteúdo simbólico e saberes que as gerações anteriores passaram (e passam muitas vezes) para as gerações atuais. Logo, a partir de estruturas significantes, mediadas pela linguagem, houve um processo de rememoração, que levou essa comunidade a se reinventar diante das adversidades. Por isso, evidenciamos em nossa pesquisa que há adequação da identidade de resistência e de projetos para vivenciar a realidade social.

Em outras palavras, compreendemos a relevância do conjunto de elementos culturais materiais e imateriais da mesma forma que suas transformações e reproduções e, conseqüentemente, as possíveis alterações e adequações do sentido da identidade de resistência e de projetos.

Tais conjuntos de elementos materiais e imateriais predeterminam uma cultura local e são determinantes das especificidades desenvolvidas no contexto sócio-histórico cultural da comunidade pesqueira artesanal cabista.

A memória social e coletiva, embora seja uma grande colcha de retalho, traz interseções de experiências de vida objetiva e subjetiva em torno da pesca e suas nuances. Podemos afirmar que há uma grande relevância da memória social e coletiva e do processo de rememoração para a reestruturação da cultura local e novas possibilidades do reconhecimento social entre os membros da comunidade.

Ha relevância da integração das narrativas, do processo de rememoração e da constituição da memória social e coletiva, foram evidenciadas a historicidade e as particularidades da comunidade relatadas por Simone Moutinho Prado (2002), as quais foram favorecidas pela oralidade, por histórias contadas, lendas que percorrem o imaginário social e uma grande pesquisa etnográfica. Além disso, ao analisarmos o conto “Shangri-lá” percebemos que esta narrativa estão recheadas de rememorações que apontam alguns elementos estruturantes significativos. Nossa reflexão foi facilitada, pois quando a narratividade toma formato de uma narrativa organizada num livro de contos, traz possibilidades de formação de um pequeno acervo cultural da comunidade tradicional de pesca de Arraial do Cabo. Assim, outros indivíduos podem ter contato não apenas com a história em si, mas também, possibilidades de conhecer novas culturas, novos fatos que trazem impressões subjetivas e objetivas de realidades sócio-históricas diversas, como as da comunidade cabista.

Nas narrativas encontramos os elementos constituidores da memória social e coletiva da comunidade e o que a afeta, do que pode favorecer o fortalecimento do sentimento de pertencimento e, assim, do reconhecimento social comunitário. Podemos exemplificar alguns pontos essenciais presentes nos contos analisados. Por exemplo, Shangri-lá simboliza os perigos, os saberes daquela comunidade e foi construído em torno de um evento traumático acontecido no barco que tinha o nome do conto: “Shangri-lá”. Os elementos estruturantes da pesca artesanal, da mesma forma, os saberes e as divisões das tarefas sociais produzidos são repassados de geração para geração por meio da observação e da oralidade.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.
- BENJAMIN, Walter. *Magia, técnica e política*. Ensaio sobre literatura e história da cultura. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BRAGA, Elizabeth dos Santos. *A constituição da memória: uma perspectiva histórico cultural*. Ijuí: UNIJUÍ, 2002.
- CANAU, Jöel. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2011.
- CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. Trad. de Klauss Brandini Gerhardt. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Trad. de Viviane Ribeiro. 2. ed. Bauru: Edusc, 2002.
- DIAS, Reinaldo. *Turismo e patrimônio cultural: recursos que acompanham o crescimento das cidades*. São Paulo: Saraiva, 2006.
- DIEGUES, Antônio Carlos. *Planejamento e gerenciamento costeiro: desenvolvimento sustentado, gerenciamento*. São Paulo: Ática. 2001.
- DIEGUES, Antonio Carlos; ARRUDA, Rinaldo Sérgio Vieira (Orgs). *Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente; São Paulo: USP, 2001.
- DURKHEIM, Émile. *Les règles de la méthode sociologique*. Paris: Flammarion, 1995.
- ERRANTE, Antoinette. Mas afinal, a memória é de quem? Histórias orais e modos de lembrar e contar. In: *Revista História da Educação*. AS-PHE/FaE/UFPEl, Pelotas, n. 8, p. 141-74, set, 2000.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. 1. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2015.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 2003.
- HONNETH, Axel. *Luta pelo reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. Trad. de Luiz Repa. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 7. ed. rev. Campinas: Unicamp, 2013.

LEROY, Jean Pierre. Da comunidade local às dinâmicas microrregionais na busca do desenvolvimento sustentável. In: BECKER, Bertha K.; MIRANDA, Mariana. *A geografia política do desenvolvimento sustentável*. Rio de Janeiro: UERJ, 1997. p. 251-72

LIFSCHITZ, Javier Alejandro *et al.* *Neocomunidades: reconstruções de saberes*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

_____. *Comunidades tradicionais e neocomunidades*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2011.

MALUFF, Sônia Weidner. Antropologia, narrativas e a busca de sentidos. In: *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 5, n. 12, p. 69-82, dez. 1999.

MONTENEGRO, Jorge. Povos e comunidades tradicionais desenvolvimento e decolonialidade: articulando um discurso fragmentado. In: *Revista OKARA: Geografia em Debate*, João Pessoa: DGE-OC/CCEN/UFPB, vol. 6, n. 1, p. 163-74, 2012.

MOREIRA, Eliane; PIMENTEL, Melissa. O direito à autoidentificação de povos e comunidades tradicionais do Brasil. In: *Fragmentos de Cultura*, Goiânia, vol. 25, n. 2, p. 159-70, abril-junho, 2015.

NORA, Pierre. Entre história e memória: a problemática dos lugares. In: *Revista Projeto História*, Revista do Programa de Estudos de Pós-Graduação em História e do Departamento de História da PUC-SP, São Paulo, vol. 10, 1993.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 4. ed. Campinas: Pontes, 2002.

PEREIRA, Wilnes Martins. *Arraial do Cabo seus contos e seus encantos*. Rio de Janeiro: Hoffmann, 2013.

PRADO, Simone Moutinho. *Da anchova ao salário mínimo: uma etnografia sobre injunções de mudanças sociais em Arraial do Cabo*. Niterói: Eduff, 2002.

RAWLS, John. *Uma teoria da justiça*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

REUTER, Yves. *A análise da narrativa: o texto, a ficção e a narração*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

SANTOS, Myriam Sepúlveda dos. *Memória coletiva e teoria social*. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2012.

TEDESCO, João Carlos. *Nas cercanias da memória: temporalidade, experiência e narração*. Passo Fundo: UPF, 2004.

_____. *Memória e cultura: o coletivo, o individual, a oralidade e fragmentos de memórias de nono*. 1. ed. Porto Alegre: EST, 2001.